

MULHERES TECENDO MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

- Arpilleras *chilenas* •

Por Maryuri Mora Grisales

Elaboradas manual e coletivamente por mulheres, as *arpilleras* são peças artísticas com ilustrações bordadas em retalhos coloridos. A técnica da *arpillera* foi amplamente utilizada para resistir e denunciar a ditadura militar chilena (1973-1990) e se espalhou por toda a América Latina como forma de expressão, especialmente em situações de opressão em que manifestações públicas eram proibidas ou reprimidas.

Existem diversos formatos de *arpilleras* e nelas são usados diferentes materiais para representar pessoas e elementos do cotidiano. Em 1964, essa expressão artística de resistência tornou-se mundialmente conhecida através da artista chilena Violeta Parra e sua exposição no Museu do Louvre, na França.¹ Outras ativistas chilenas levaram oficinas de *arpillera* para outros países, contribuindo com várias lutas locais.

As *arpilleras* tornaram-se, assim, um símbolo não só de resistência, mas também de memória afetiva; a arte de contar histórias e tecer laços de solidariedade em contextos sociais e políticos de grandes violações de direitos.

No México, no Brasil, na Colômbia e em outros países do continente, grupos de mulheres criaram suas próprias formas de bordar suas lutas e contar suas histórias, mostrando a beleza e a potência que cada contexto em particular pode imprimir no tecido através dessa técnica. A convergência reside, entre outras coisas, em ser quase sempre um processo de criação a partir de experiências e dores compartilhadas; para exorcizá-las, denunciá-las, sobreviver.

No caso chileno, a referência ao golpe de Estado de 11 de setembro de 1973 e aos anos da ditadura militar esteve muito presente na narrativa das bordadeiras de *arpillera* com as quais tivemos a oportunidade de conversar para esta edição da *Revista Sur*. Embora tenham falado conosco e nos mostrado seus trabalhos e atividades recentes, elas deixam claro o fio condutor que remete a esse passado comum, explicitando a necessidade (muito consciente) de, através do bordado, ativar a própria memória e significá-la coletivamente no presente. Mesmo porque a política chilena recente apresenta semelhanças significativas com o contexto de repressão e violência daquela época.

As bordadeiras de *arpillera* chilenas são mulheres de diferentes idades e trajetórias de vida que assumiram o bordado – um trabalho culturalmente reservado às mulheres – como uma linguagem e estratégia de resistência feminista. Apropriando-se politicamente de um ofício tradicional, elas o transformaram em uma luta por direitos e, ao mesmo tempo, em um espaço de acolhimento e cura entre mulheres.

A seguir, apresentamos dois pequenos relatos de bordadeiras chilenas que, de diferentes cidades, alinhavam seus caminhos de denúncia, memória e solidariedade.

As bordadeiras de Coyhaique, cidade da região de Aysén (conhecida por ser uma via de acesso a partes remotas da Patagônia) mencionaram a localização geográfica como um desafio. Isso porque, geralmente, a capital ou outras grandes cidades do Chile assumem destaque em relação a denúncias de violações de direitos e até mesmo na visibilidade das diferentes lutas. Para Gloria e Rocío, duas bordadeiras que muito gentilmente nos contaram parte de sua história, uma das principais motivações do que fazem é mostrar o que acontece em sua região, recuperar a memória local. “Não se sabia os nomes dos desaparecidos daqui”, disseram elas.

As duas fazem parte da *Biblioteca Trinchera Utopía* – uma biblioteca popular em Coyhaique onde são realizadas atividades de intercâmbio literário, conversas e outras formas de convivência cultural e comunitária. A partir desse espaço, elas convocaram outras mulheres (e homens também) para bordar *arpilleras*, em um processo que “denuncia a violência e a impunidade e, ao mesmo tempo, anuncia a resistência”. Desde o simples, o cotidiano, desde pequenas coisas e através dos pontos, eles têm “entrelaçado a própria vida, os pesares da comunidade e do próprio corpo”.

Gloria e Rocío refletem em suas palavras a experiência de duas mulheres adultas que passaram pela ditadura e carregam suas marcas, e a sabedoria de quem observa as lutas do presente com coragem e prudência. Elas continuam bordando suas *arpilleras* – desaparecidos/as, desigualdade, explosão social, feminicídio – e os motivos nunca faltam. “Enquanto tivermos fôlego, vamos fazê-lo”, dizem elas.

O coletivo Bordadoras en Resistencia, de Santiago, tem se mobilizado através das redes sociais seguindo uma agenda de encontros feministas. O grupo com que conversamos (Inés, Hilda, Nuri, Berta, Cyntia e Ana María) se conheceu bordando ou atendendo a um chamado

para bordar. Para elas, a questão não foi saber bordar, mas pegar as ferramentas – linha, tesoura, agulha – e compor uma mensagem. A explosão social de 2019² e as manifestações feministas no Chile, principalmente a atuação de Las Tesis,³ foram mencionadas como um importante marco para sua articulação.

De diferentes trajetórias, idades e experiências com bordados, as bordadeiras em resistência reiteram o desejo de se unir e de dar visibilidade aos direitos das mulheres. “O ativismo têxtil nos permite ocupar os espaços públicos”, dizem elas. E assim elas têm feito, reunindo-se para bordar em lugares simbólicos da cidade, como o Centro Cultural Gabriela Mistral (GAM). Em 8 de março deste ano, por exemplo, marcharam com uma grande tela chamada “Resistencias de las mujeres” (Resistências das mulheres), que foi bordada em oficinas de *arpillera*, realizadas através de chamadas massivas na cidade.

Em seus relatos, o bordado sempre aparece como um processo coletivo. Uma oportunidade de se conectar, de compartilhar e de ouvir outras mulheres. Cada *arpillera* bordada conta uma história, ou muitas histórias; diferentes maneiras de manifestar uma situação que lhes é comum. “Foi curador alinhar a história, costurar nossas cicatrizes. Resgatar a memória”, afirmam.

A técnica da *arpillera* e as muitas maneiras pelas quais ela é usada pelas mulheres chilenas em sua luta para interromper o silenciamento, a repressão, a voz única do poder ao longo dos anos é um poderoso instrumento de resistência. As situações narradas, os nomes e as imagens presentes nas muitas *arpilleras* que cada uma delas borda, individual e coletivamente, são um registro, uma forma de fazer história. Não deixar o sofrimento no esquecimento e, ao mesmo tempo, mostrar a força e a criatividade das “pessoas que, apesar de tudo, continuam de pé”.

Durante as entrevistas realizadas através do aplicativo Zoom, desde Coyhaique e Santiago do Chile, cada uma delas mostrou com alegria e orgulho o trabalho feito por suas mãos. Apesar de a mensagem geralmente ser de dor e denúncia, reflete a tenacidade e beleza de uma esperança que permanece viva através de uma técnica que não envelhece, reunindo mulheres de todas as idades.

Como a arte de bordar, costurar, juntar fios e pedaços de tecido se constitui em uma luta pelos direitos humanos? A esta pergunta, implícita no diálogo que permitiu esse pequeno registro, as bordadeiras chilenas responderam com seus rostos, sua história, suas *arpilleras*.

• • •

Recebido em julho de 2020.
Original em espanhol. Traduzido por Claudia Sander.

NOTAS

1 • Daniela Fugellie, “Les Tapisseries Chiliennes de Violeta Parra: Perspectivas sobre una Exposición Realizada en el Museo de Artes Decorativas del Palacio del Louvre en 1964”. *Artelogie*, 2019, acessado em 11 de agosto de 2020, <https://journals.openedition.org/artelogie/3153>.

2 • Ver: “Nº 2 - Urgente: Chile y Sus Demandas. Derechos Humanos y Una Nueva Constitución”,

Universidad Alberto Hurtado, 2019, acessado em 11 de agosto de 2020, https://www.uahurtado.cl/wpimages/uploads/2019/12/dossierN2_urgente_chile_y_sus_demandas.pdf.

3 • O coletivo feminista de Valparaíso, Chile, chamado LAS TESIS liderou uma performance de protesto participativo chamada “Un violador en tu camino”, que teve impacto internacional em 2019.



“Este artigo é publicado sob a licença de Creative Commons Noncommercial Attribution-NoDerivatives 4.0 International License”